

COMO DEFINIR O BAIRRO? UMA BREVE REVISÃO

Josué Alencar Bezerra

Professor Me do CGE/CAMEAM/UERN

Pesquisador do Núcleo de Estudos em Geografia Agrária e Regional (NuGAR)

josuebezerra@uern.br

Resumo:

Será que o bairro existe? Há algum tempo, as discussões intra-urbanas na escala de bairro vem sendo cada vez mais comuns na academia. Mesmo assim, percebemos que existem algumas dúvidas quanto à sua real definição. Alguns autores tiveram um impulso fundamental no estudo do conceito de bairro. Pesquisadores, autores ou mesmo literários de diversas áreas do saber relatam a problemática ao longo de sua definição. Podemos observar inicialmente que alguns autores, sejam geógrafos, arquitetos, filósofos ou sociólogos, vem trabalhando o tema de forma bastante diversificada, o que nos fez, devido à ocasião, determo-nos em apenas algumas das fontes encontradas. O texto que apresentaremos terá por base este levantamento e a discussão que realizamos no decorrer da dissertação desenvolvida no Mestrado em Geografia da UFRN. A maioria dos trabalhos que encontramos retrata a evolução no estudo de bairro no Brasil e versa sobre as preocupações dos geógrafos com esta unidade do urbano. Consideramos que seja preciso repensar os espaços da cidade de modo que as transformações oriundas da evolução do capitalismo se deem de forma menos agressiva, criando mecanismos através de um planejamento adequado que preserve a memória urbana construída no decorrer do tempo e proporcione a criação de melhores condições para os que vivem nestes espaços da cidade. Assim, entendemos que o bairro e todo seu conteúdo estarão sempre abertos a renovações impostas em todo o âmbito da cidade. É aquilo que nunca deverá permanecer anacrônico.

Palavras chave: Bairro. Unidade espacial. Revisão conceitual.

1 Palavras introdutórias

O presente trabalho nasceu a partir de algumas indagações que apareceram antes e durante a elaboração da dissertação de mestrado de Bezerra (2005), desenvolvido na Pós-graduação em Geografia da UFRN, bem como nas discussões realizadas nas disciplinas cursadas nas pós-graduações da Geografia, Ciências Sociais e Arquitetura e Urbanismo. Daí emergiu o objetivo de estudar, buscando subsídios também em outras ciências que se preocupam com a questão urbana, a teoria sobre o bairro.

Entendemos que a escala territorial de bairro adquire grande relevância na análise da cidade, à medida que proporciona uma maior visibilidade dos dramas e dos conflitos sociais enredados no local atinente a reprodução social bem como às transformações da morfologia das funções urbanas.

Ao escolhermos o bairro, como objeto de análise, fazemos a opção pelo estudo do espaço social, o que, por conseguinte, inclui o estudo da cidade, enquanto totalidade, objeto exaustivamente analisado pelos geógrafos, sociólogos e arquitetos. Assim, apresentaremos neste trabalho uma pequena proposição teórica para o estudo do bairro a partir de diversas fontes cadastrais e científicas resgatadas no decorrer das nossas investigações.

2 Diversas definições sobre bairro

Será que o bairro existe? Esta seria uma questão que buscamos responder e que proporcionou uma instigante pesquisa acerca do conteúdo teórico já construído sobre o tema. Algumas fontes básicas, como Lefebvre (1975), tiveram um impulso fundamental no estudo do conceito de bairro. Porém, torna-se necessário fomentar, a partir de então, uma discussão a título de contribuição para o debate acerca da reflexão deste importante recorte espacial que entendemos fazer parte do campo de nosso estudo.

Nesse sentido, Santos (1999) ressalta que todos os objetos espaciais interessam à Geografia, sejam os móveis ou os imóveis, seja uma estrada ou uma barragem, uma cidade ou um bairro. Tudo isso são objetos de análise das ciências humanas.

Desse modo, como anunciado, será subscrito nas próximas linhas um resgate teórico sobre o que vem sendo entendido sobre a temática, com a busca de uma definição.

2.1 Bairro: uma diversificação em definição

Observamos, através de cansativas e surpreendentes buscas em acervos bibliográficos e bancos de dados diversos, que a discussão acerca do entendimento do conceito de bairro é vasta e, por conseguinte, bastante instigante.

Pesquisadores, autores ou mesmo literários de diversas áreas do saber relatam a problemática ao longo de sua definição. Esta discussão cabe no nosso trabalho, pois estamos analisando esta unidade espacial que, à primeira vista, surge como um abrigo dotado de elementos discutidos neste resgate teórico, embora saibamos que boa parte dos estudos deixaram de ser citados, não pela sua representatividade ou importância, mas principalmente pela vasta publicação sobre o tema, em diversas línguas e ciências, e por esta não ser a nossa maior preocupação no trabalho.

Sendo assim, podemos observar inicialmente que alguns autores, sejam geógrafos, arquitetos, filósofos ou sociólogos, vêm trabalhando o tema de forma bastante diversificada, o que nos fez, devido à ocasião, determo-nos em apenas algumas das fontes encontradas, analisando-as a fim de facilitar a sua compreensão, como, por exemplo, sob a ótica marxista em Lefebvre. Este importante estudioso dedicou uma grande parcela de sua produção no estudo dos espaços sociais urbanos, abordando o bairro como umas das suas maiores preocupações, escrevendo o problema na perspectiva da própria modernidade, com seus limites e contradições, chamando-o de unidade natural da vida social devido à ideologia comunitária inserida na sua base.

Semelhante a algumas metodologias encontradas em alguns trabalhos, vemos a possibilidade de classificar o bairro conforme a delimitação científica atribuída ao termo, observando sua procedência ou particularidades deparadas nas fontes.

As diversas definições de bairro podem ser conformizadas de uma maneira que obedeçam às várias interpretações referentes a esta unidade espacial. Embora saibamos que esta classificação é um tanto pretensiosa, tendo em vista a complexidade carregada ao termo, acreditamos que o suporte colhido para este trabalho vem nada mais que abrir uma reflexão que possa contribuir na análise de uma unidade urbana como um bairro.

A primeira variável que podemos trazer para discussão seria o conteúdo trabalhado nos dicionários e enciclopédias de pesquisa ou mesmo em estudos desenvolvidos com base nestes tipos de documentos.

De uma forma geral, quando pesquisamos a definição de bairro em alguns conjuntos de vocábulos, constatamos que a maioria deles o define como uma simples divisão territorial de uma cidade; como colocado por Aulete (1948), que pronuncia o bairro como sendo cada uma das zonas principais em que se divide uma cidade, ou simplesmente uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano. Ximenes (2000, p. 112) e Almeida (1981, p.

420) praticamente acompanham a reflexão da autora exprimindo, respectivamente, semelhantes definições: “Cada uma das grandes divisões de uma cidade” e “Cada uma das divisões principais de uma cidade; porção do território de uma povoação”.

Alguns outros dicionários esboçam diferentes tentativas de elaboração do significado de bairro. No vocabulário organizado por Corona e Lemos (1972), são levantados três modos para sua definição que analisa o bairro como uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou mesmo uma porção do território de uma povoação, mais ou menos separada e a semelhança com um arrabalde ou subúrbio.

Em um dos dicionários mais conhecidos da língua portuguesa, o autor segue a mesma tendência, porém, este incide rapidamente aguçando o debate sobre a utilização deste termo, conceituando o bairro como sendo “Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos” (FERREIRA, 2004, p. 252).

Na Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1988), surge a preocupação na delimitação do espaço para fins de controle administrativo de uma parcela da cidade, quando também levanta questões locacionais na discussão. A preocupação dá-se nas questões culturais de um determinado conjunto de moradores traduzido na denominação de bairro, este empregado em algumas áreas como, por exemplo, um arraial ou uma povoação.

Isso posto, percebemos que o vocábulo bairro, que vem do latim *barrium* ou do árabe *barri* (de fora, exterior, separado), é encontrado de forma bastante comum nestes documentos organizados alfabeticamente. Entretanto, em alguns casos, podemos encontrar uma discussão que passa pela análise de características particulares a uma localidade que, costumeiramente, é identificada pela denominação. Por exemplo, podemos encontrar, em alguns destes documentos, o conceito de bairro atribuído a um pequeno povoado rural, como citado na Encyclopaedia Britannica do Brasil (1981), que se remete especificamente a uma determinada área do interior do Brasil. O termo utilizado nestes registros corresponde “[...] aos pequenos povoados ou arraiais dos municípios” localizados na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, como simplesmente “urbes elementares” (SOUZA, 1961, p. 23).

Em outras passagens, percebemos a preocupação com a questão da identidade do indivíduo a esta unidade espacial. Em um estudo realizado por Sousa (1987) sobre o povoamento do interior do estado de São Paulo, o pesquisador ressalta que os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados à população do bairro. Em um dos seus relatos, Sousa (1987, p. 57-65, grifo do autor) coloca que:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. [...] O que é bairro? - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. - Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.

Nesta situação, podemos observar que o entendimento de bairro passa muito próximo do que os estudos da Geografia entendem por território, este dotado de elementos de dominação e pertencimento.

Em alguns países, o bairro aparece com uma definição um tanto diferente da que nos é mais comum no Brasil. A título de exemplo, em Portugal, a definição de bairro está associada a um conjunto de freguesias que forma uma região político-administrativa espacialmente maior do que é observado no Brasil.

Assim, a cidade de Lisboa encontra-se dividida em apenas quatro grandes bairros (Lisboa Oriental, Lisboa Ocidental, Bairro Alto e Bairro Baixo), que reproduzem 43 freguesias, estas representadas por um santo protetor. Os habitantes da cidade reconhecem as áreas pelas freguesias, já a importância dos bairros remete-se apenas a abrigar as funções administrativas e de controle de serviços da Câmara Administrativa de Lisboa.

Em um outro estudo desenvolvido por Souza (1989) em diversos vocabulários de algumas línguas faladas no mundo, o autor trabalha o bairro como uma unidade política, analisando a real dimensão deste fonema. Daquilo que, segundo o autor, seria o palco do cotidiano, a arena de lutas imediatas e o referencial organizador do espaço. Entre as várias situações verificadas, o autor cita alguns exemplos da terminologia encontrada em várias partes do mundo.

Na interpretação Castellana:

A etimologia é *barr, bar*, terra, campo, campo imediato a uma população. Bar, barr, barrio, continuou chamando-se esse campo mesmo depois de se haver edificado nele; e por último veio a significar barrio umas divisões locais ou municipais das povoações, e sobretudo das povoações grandes. Em algumas partes por barrio se entende o mesmo que arrabalde, grupo de população situado no extremo da mesma, ou um pouco separado dela [...] (SOUZA, 1989, p. 153, grifo do autor).

Já “[...] o francês *quartier* designa uma realidade similar à do bairro. E também no caso francês, embora *quartier* e *banlieue* (subúrbio, periferia) não se confundam exatamente, podemos encontrar *quartiers* em áreas periféricas” (SOUZA, 1989, p. 153, grifo do autor).

Na língua inglesa, segundo o autor, a questão é mais complexa:

A palavra inglesa *neighbourhood* parece freqüentemente cobrir uma escala intermediária entre a *unité de voisinage* e o *quartier* da literatura sociológica culturalista francesa. Isto explica o porquê de se enfatizar [...] o papel do *neighbourhood* como uma “área de relações primárias e espontâneas”, o que não combina com o conceito francês de *quartier*, aproximando-se, isto sim, da *unité de voisinage*. No entanto, parece que a *neighbourhood unit* dos anglo-saxões e a *unité de voisinage*, à parte a analogia vocabular, não são rigorosamente idênticas, embora muitas vezes recubram a mesma escala espacial, pois a *unité* [...] se me afigura elástica a ponto de abarcar escalas muito pontuais (como um prédio de apartamentos), o que não seria o caso do *neighbourhood*. Seja como for, são as relações de tipo primário, e não as de tipo secundário como no *quartier*, que definem em princípio o *neighbourhood* (SOUZA, 1989, p. 153-154, grifo do autor).

E ainda:

O *district*, outro referencial, define-se precipuamente pelas relações de tipo secundário que se dão à sua escala. [...] o *district* estará extremamente próximo do bairro, do “barrio” e do *quartier*[...], varia não somente conforme o indivíduo, mas também segundo a cidade em questão. Por outro lado, talvez justamente por representar uma escala amiúde excessivamente ampla, parece que o *neighbourhood*, e não o *district*, é o recorte territorial preferencial dos ativismos anglo-saxões, o que aparentemente também denuncia seu extremado paroquialismo desses ativismos (SOUZA, 1989, p. 154, grifo do autor).

Podemos observar, sobretudo no trabalho de Souza (1989, p. 154), que o material histórico exprime como os bairros possuem um conteúdo bastante antigo e “[...] que se encontra já em processo de extinção na civilização urbana do nosso tempo”.

Vemos que a dificuldade na busca de uma definição persiste em algumas das principais línguas do mundo. Em umas, referentes a soma dos movimentos específicos de cada conjunto político-cultural de uma nação, em outros casos, à morfologia apresentada por seus elementos.

Mas, aproveitando as palavras retiradas do artigo de Souza (1989), uma segunda combinação de definições pode ser organizada nesta discussão. Seriam aquelas representadas por características físicas e dimensionais, particulares de cada recorte espacial.

Seguindo o mesmo raciocínio, o bairro é revelado como uma forma física, um pedaço do urbano que cresce segundo tais eixos ou tais direções, e em um determinado tamanho, seu traçado segue uma lógica espaço-social. Assim, o bairro torna-se uma unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo.

Após uma densa leitura de determinados trabalhos, percebemos que muitos destes resumem-se na apresentação de elementos do espaço para definir um bairro.

Em uma longa passagem, Rossi (1995, p. 63-67) coloca que:

[...] a cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação; a unidade desses momentos é a unidade urbana em seu conjunto, a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside em seu preeminente caráter formal e espacial [...] O bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro.

A reunião destas leituras equaciona o bairro como sendo intermediário entre as três escalas básicas que compõem uma cidade que, presumidamente, elencamos como sendo:

- *A escala da rua*: apresenta como elemento fundamental da paisagem urbana que abriga os imóveis de habitação;
- *A escala de bairro*: formada pela reunião de quarteirões com características comuns;
- *A escala da cidade*: composta por um conjunto de bairros.

Na leitura desenvolvida em Lamas (1993), podemos perceber a similaridade na análise das subdivisões de uma cidade, porém, a autora utiliza as dimensões para classificar as escalas urbanas. A menor escala, denominada dimensão setorial, dar-se à rua que é compreendida pela porção de espaço urbano, com forma própria. Neste espaço, os elementos morfológicos identificáveis são os edifícios, o traçado e também a árvore ou a estrutura verde entre outros instrumentos urbanos de escala menor.

Em seguida, vem a dimensão urbana, ou seja, o bairro, pois, a partir desta dimensão, é que:

[...] existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade (LAMAS, 1993, p. 74).

Nesta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados através das

formas. A escala inferior e a análise da forma necessitam do movimento e de vários percursos. São os traçados e praças, os quarteirões e monumentos, os jardins e as áreas verdes que constituem os elementos morfológicos identificáveis.

Finalmente, a dimensão territorial que, segundo Lamas (1993), está compreendida pela cidade propriamente dita. Nesta escala, a forma das cidades estrutura-se através da articulação de diferentes formas à dimensão urbana com diferentes bairros ligados entre si. A forma das cidades define-se pela distribuição dos seus elementos primários ou estruturantes: o sistema de arruamentos e os bairros, as zonas habitacionais, centrais ou produtivas, que se articulam entre si e com o suporte geográfico (**figura 01**).

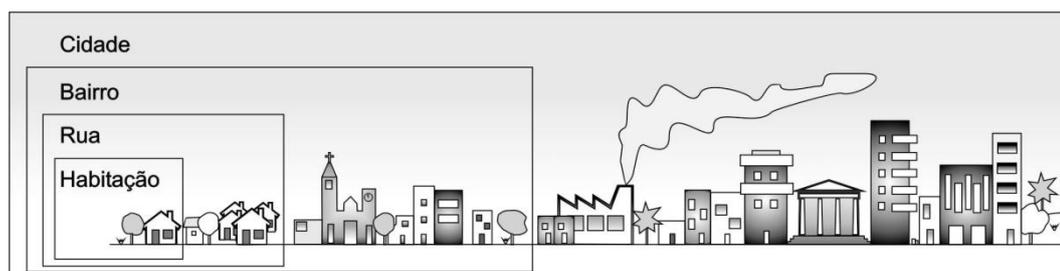


Figura 01 - Diferentes escalas urbanas de uma cidade.

Fonte: Santos (1988).

Nota: Adaptação de Josué Alencar Bezerra, 2007.

Quando nos reportamos ao número de equipamentos e indivíduos necessários para que determinado espaço possa ser considerado como um bairro, percebemos que o número de habitantes, moradias, extensão numérica e número de quadras e lotes são colocados como um critério importante para classificação de uma porção do espaço urbano. Para Barros (2004, s.p.),

[...] um bairro agruparia entre 2.000 e 3.000 moradias (em torno de um centro secundário) teria uma população entre 5.000 e 10.000 habitantes; e uma extensão de 3 a 5 km de perímetro.

No entanto, percebemos que o entendimento de bairro vai mais além do que foi posto até aqui. Isso, tendo por base a organização da interpretação trabalhada por algumas fontes normativas.

Para isso, não podemos deixar de visitar a posição interpretária do poder público, parte responsável para gerir as questões de ordem político-administrativa da sociedade, seja na esfera federal, estadual ou municipal. Na maioria dos casos, estes instrumentos encaram o bairro como uma área ideal para as reivindicações coletivas.

Inegavelmente, o bairro constitui hoje a unidade urbana, a representação mais legítima da espacialidade de sua população, e não é por acaso que São Paulo conta com 900 “sociedades de moradores”, também conhecidas como “sociedade amigos do bairro”, cuja territorialidade é facilmente estabelecida (WILHEIM, 1982, p. 63, grifo do autor).

Tratado anteriormente por alguns dicionários da língua portuguesa, bairro é a denominação de cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade, definição justificada na promoção da operacionalização das pessoas e do controle administrativo dos serviços públicos, como os correios, telefonia e limpeza.

Algumas prefeituras tornam-se um tanto sucintas quando tentam definir esta porção espacial. Por exemplo, para a prefeitura municipal de Natal, o bairro é tido como uma “[...]”

unidade territorial de planejamento que utiliza referenciais conhecidos pela população” (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003, p. 2).

Na verdade, sabemos que, na identificação de um bairro, para a maioria dos seus habitantes, não interessa o seu limite imposto por um órgão gestor, porque se já o identificam físico-cognitivamente, pouco lhes importa até onde se estendem seus limites. Seabra (2003, p. 26) lembra que:

A dificuldade em alcançar o seu conceito está em circunscrever, no presente, essa essência gregária do bairro, perpassada por institucionalidades, porque isto pode levar a um formalismo que pouco esclarece da vida social.

Por isso, insistimos em relatar que as definições de cunho político-administrativo de um bairro encontram-se em crise com a realidade histórico-social do conteúdo que compreendemos abarcar um bairro. Entendemos que um bairro não pode ser compreendido por uma área demarcada para uma simples utilização de ordem administrativa para os seus habitantes, mas sim uma organização do espaço de multiplicidade social numa cidade.

Mesmo assim, percebemos que os limites administrativos devem coexistir assim como os limites subjetivos, pois, na maioria das vezes, eles não coincidem. Entendemos que a divisão administrativa faz-se necessária porque é a partir destes limites que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado ou assistido pelo órgão gestor; e os limites subjetivos fazem-se necessários porque, a partir da coletividade, é que as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único. O professor Souza (1989, p. 140) revela ainda que o bairro é:

[...] um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de um ativismo, de uma organização, aglutinando grupos e por vezes classes diferentes (em níveis variáveis de acomodação ou tensão); catalisa a referência simbólica e, politicamente, o enfrentamento de uma problemática com imediata expressão espacial: insuficiência dos equipamentos de consumo coletivo, problemas habitacionais, segregação sócio-espacial, intervenções urbanísticas autoritárias, centralização da gestão territorial, massificação do bairro e deterioração da qualidade de vida urbana.

Lefebvre (1975) interpreta o bairro como forma concreta do espaço e do tempo na cidade, que atua como um módulo social de maior convergência entre o espaço geométrico e o espaço social, entre o quantificado e o qualificado. O bairro seria:

[...] a *diferença mínima* entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (LEFEBVRE, 1975, p. 200-201, tradução nossa).

O bairro seria um espaço que poderia ser dimensionado também na escala paroquial, já que a paróquia não só tinha uma existência religiosa, mas também uma existência civil e política. Não existia o que chamamos estado civil. Os batismos, os casamentos, as bodas comemorativas e os óbitos inscreviam-se nos registros paroquiais e os grupos e associações organizavam-se próximos do aparato eclesiástico. Entretanto, “[...] não podemos deixar de lado a separação do religioso do civil, e da igreja das instituições, é um fato real no conceito teórico” (LEFEBVRE, 1975, p. 197, tradução nossa).

As paróquias constituíam bairros, e quando a cidade, ao fazer-se demasiado grande, perdeu sua unidade e seu caráter de comunidade local, o seu núcleo – a igreja paroquial – perdeu simultaneamente suas funções e sua capacidade estruturante. Em consequência: a conexão bairro-paróquia, que em outros tempos constituía uma realidade, já não tem mais fundamento (LEFEBVRE, 1975, p. 197, tradução nossa).

Como em algumas obras, a noção de centralidade é mais importante do que o reconhecimento de limites, ou seja, para os moradores de um bairro, ele existe em função de seu centro, um ponto de encontro. E esses centros correspondiam à organização das paróquias da Igreja Católica.

Cada paróquia tinha seu templo e seu santo, organizavam-se em torno deles e de outras facilidades como feiras e mercados. Importa mais saber em que local há maior superposição de significados do que precisar onde começa uma zona homogênea e acaba outra (LEFEBVRE, 1975).

Pierre George, autor clássico da Geografia, também interpreta o bairro como uma unidade de base da vida urbana:

O morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro. [...] É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, e não é menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade (GEORGE, 1983, p. 76).

Acerca do questionamento: o que é um bairro? Certeau, Giard e Mayol (1994, p. 41, grifo do autor) sugerem que o mesmo se apresenta como “[...] o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja colocar-se por ele *a pé saindo de sua casa*”. Apresentando uma relação com o outro, sair de casa, andar pela rua conversar com o vizinho, seria a efetuação de um ato cultural.

Assim, percebemos que, na visão histórico-social, o bairro, espelho das circunstâncias temporais, ainda mais perceptíveis com a urbanização, traduz diferentes espacializações da vida social da cidade, surgindo dentro da história do urbano, como um ícone na busca de resultado da construção histórica e social do espaço citadino.

A partir de então, tornou-se possível pensar a cidade e o urbano numa escala menor, mais detalhada, analisando as práticas sociais como o espaço vivido, o lugar das experiências, das trocas, da reprodução da sociedade no cotidiano.

O entendimento da boa vizinhança é uma característica das práticas tradicionais de bairro, algo que alguns dizem ser prejudicial ao planejamento urbano e utilizado como solução dos problemas particulares de cada indivíduo daquele espaço.

Um bairro bem-sucedido é aquele que se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam. Um bairro malsucedido é aquele que se encontra sobrecarregado de deficiências e problemas e cada vez mais inerte diante deles (JACOBS, 2000, p. 123).

Para a autora, o bairro digno teria escolas, parques, moradias limpas e coisas do gênero. “Como a vida seria fácil se isso fosse verdade! Que maravilha poder satisfazer uma sociedade complexa e exigente dando-lhes singelas guloseimas concretas!” (JACOBS, 2000, p. 124). A autora considera os bairros órgãos autogeridos só conseguindo achar produtivos

três tipos de bairro: “(1) a cidade com um todo; (2) a vizinhança de rua; e (3) os distritos extensos, do tamanho de uma subcidade, composta por 100 mil habitantes ou mais [...]” (JACOBS, 2000, p. 128-129).

Assim, o bairro “[...] está provido de equipamentos coletivos e acessíveis ao pedestre; mas, além disso, ele se constitui em torno de uma subcultura e representa um corte significativo na estrutura social [...]” (CASTELLS, 1983, p. 131).

O conteúdo do bairro deve ser um espaço regado de:

[...] um acontecer fundado em práticas concretas que articulam, num lugar, parentela, vizinhança, compadrio sob múltiplas formas de solidariedade e, sobretudo de reciprocidade. Define-se como uma unidade em relação à cidade (SEABRA, 2003, p. 26).

É aquele espaço de representação da vida, uma unidade socioespacial quase completa, “Fosse através dos enterros, dos casamentos, das missas, das festas, das procissões, da feira semanal, da presença do louco conhecido de todos, da presença do bêbado, da meretriz, do padre [...]” (SEABRA, 2003, p. 26).

O ritmo acelerado do cotidiano urbano, principalmente nas grandes metrópoles e nas principais capitais nacionais, tem esvaziado o conteúdo pragmático destes importantes espaços urbanos.

Contudo, quando da identificação do bairro como um espaço carregado de elementos históricos e sociais, consideramos nossa inexperiência na operacionalização da noção de bairro como um desafio que nos trouxe respostas e mostrou caminhos para o seu entendimento. E, ainda, nos referenciando em alguns trabalhos que foram desenvolvidos neste mesmo viés, ou seja, com a mesma temática em estudos de caso observando as diferentes situações de análise de bairro.

Como utilizar seu conceito, se procuramos algo mais teórico e não tão preciso como uma mera definição, refletida em algumas linhas atrás, pois tememos a possibilidade da extinção dos bairros, como previne Lefebvre (1975). Sobre o debate empirista acerca da existência ou a não existência dos bairros na sociedade moderna, Castells (1983, p. 134, grifo do autor) coloca que “[...] não se descobre ‘bairros’ como se vê um rio; nós os construímos, determinamos os processos que chegam à estruturação ou à desestruturação dos grupos sociais no seu *habitar* [...]”.

Enfim:

O bairro é uma pura e simples sobrevivência [...] é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que define a realidade social [...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e a menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais (LEFEBVRE, 1975, p. 201, tradução nossa)

Esta reflexão surge como um ponto fundamental e indiscutível para o entendimento dos elementos constitutivos no bairro da cidade moderna, e que mais do que uma definição, o conceito de bairro traz consigo um conteúdo teórico importante no encaminhamento das nossas ideias no estudo do tema.

3 O bairro ainda resiste? Na tentativa de conclusões

Com base nas definições supracitadas, e na realidade posta nos médios e grandes centros urbanos brasileiros, vem a pergunta: o bairro ainda existe? De um lado temos que a

medida que o bairro se constitui na circunscrição espacial do habitar, da vivência e das múltiplas relações que o permeiam, ele se projeta como a unidade territorial privilegiada para a identificação e a avaliação dos processos da vida urbana, em que pese o fato da atual dinâmica de reestruturação urbana.

O movimento atual de fragmentação do território, impulsionado pelo desenvolvimento da globalização, surge às virtualidades e práticas efetivas que se desenrolam na esfera local, dentre as quais ações de resistência e permanências relativamente bem demarcadas e que apresentam visibilidade social e política.

Do outro lado, temos que o bairro e a vida de bairro que este suporta não vêm resistindo ao avanço da urbanização, a partir do momento em que o processo passa a configurar uma imensa aglomeração urbana, como, por exemplo, a metrópole.

A cidade que se expande na explosão não é a cidade obra, apropriada pelos seus cidadãos, mas a cidade produto, a cidade do capital, aquela em que os valores de troca predominam sobre os valores de uso, uma cidade fragmentada, recortada, reconstruída sobre si mesma constantemente para maximizar a reprodução do capital.

As práticas intersticiais de bairro pouco percebidas, e até mesmo ignoradas, no denso processo de urbanização, para serem mais bem identificadas e qualificadas requerem um acompanhamento mais preciso. A partir desta investigação poderemos tentar responder se o bairro ainda resiste aos fenômenos decorrentes do processo de globalização da economia.

É importante frisar que as possibilidades de estudo do bairro, na sua totalidade, são tão amplas e complexas que aqui procuramos abordar apenas alguns aspectos dessa extensa gama.

4 Referências

ALMEIDA, A. A. de. **Nova Enciclopédia de Pesquisa Fase**. Rio de Janeiro: Editora Fase, 1981. v. 2.

AULETE, C.. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1948. v. 1.

BARROS, S. A. L.. Que recorte territorial podemos chamar de bairro? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. **Revista de Urbanismo**, Santiago de Chile, n. 9, mar. 2004. Disponível em: <<http://revistaurbanismo.uchile.cl/>>. Acesso em: 20 abr. 2004.

BEZERRA, J. A.. **A reafirmação do bairro**: um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

CASTELLS, M.. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P.. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORONA, E.; LEMOS, C. A. C.. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

GEORGE, P.. **Geografia Urbana**. Tradução do Grupo de Estudos Franceses de Interpretação

e Tradução. São Paulo: Difel, 1983.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

JACOBS, J.. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAMAS, J. R. G.. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

LEFEBVRE, H.. Barrio y vida de barrio. In: _____. **De lo rural a lo urbano**. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.

ROSSI, A.. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, C. N. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF, 1988.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEABRA, O. C. de L.. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. 397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO. **Natal 2003: conheça melhor a nossa cidade**. Natal: Prefeitura do Natal, 2003. 1 CD-ROM.

SOUSA, A. C. M.. **Os parceiros do rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, B. J. de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio e abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n.2, p.139-172, abr./jun. 1989.

XIMENES, S.. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

WILHEIM, J.. **O bairro, unidade urbana**. Projeto São Paulo: propostas para a melhoria da vida urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.